

# O MATERIALISMO E A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Adriana Aparecida Rodrigues\*  
Marco Antônio de Oliveira Gomes\*\*  
Suzane Meneses Caetano\*\*\*

O pensamento de Karl Marx (1818-1883) apresenta uma considerável contribuição para a compreensão da historicidade do modo de produção capitalista. Não é nossa intenção uma análise inédita sobre as contribuições do autor alemão para a escrita da história e, mais especificamente, da história da educação. Diferentes autores já o fizeram de forma sistemática e aprofundada<sup>1</sup>. No entanto, diante dos discursos de negação da ciência ou do relativismo que ganhou espaço na academia, buscamos com este artigo defender a atualidade do marxismo na produção da história da educação.

A produção de Marx apresenta uma considerável contribuição para produção do conhecimento histórico. Concomitantemente ao lado da crítica à sociedade capitalista encontramos uma forma determinada de percepção da história, no qual todas as formas de organização social e as relações materiais que a constituem são compreendidas em constante devir, sem que uma forma sócio-histórica se conserve por um período maior de vir a ser transformada em outra pelas contradições que se apresentam em seu interior.

Deste modo, as relações estabelecidas na sociedade entre os homens, assim como, a escrita da história da educação, se encontram relacionadas com as transformações em curso na sociedade em um determinado período histórico. Na perspectiva do materialismo histórico-dialético, não é possível compreender a educação e as transformações que ocorreram em seu interior a partir de sua lógica interna, distante das condições materiais que a forjaram. É imprescindível que, o pesquisador contemporâneo estabeleça uma relação entre os contextos presentes na sociedade em sua conjectura, com os pressupostos elucidados em outros períodos.

Isto posto, a educação só pode ser compreendida, em última instância, pelo modo de produção em que está inserida socialmente. A partir do marxismo, não há o menor sentido analisar a educação desvinculada da sociedade e dos interesses de classes envolvidos. Isso significa que a educação não pode ser historicizada como uma expressão acima da realidade material que a forjou, reproduzindo um velho discurso ideológico, que “Reduz todas as mazelas a um único ‘remédio’ – a educação – o que é absolutamente equivocado. Sabemos muito bem que a educação não tem todo esse poder de determinar os rumos da sociedade.”<sup>2</sup>

## Karl Marx e teoria: materialismo

Karl Marx produziu obras<sup>3</sup> que, até nos dias atuais são frutos de pesquisas de seus defensores, bem como, de seus críticos, desempenhando assim, um papel único na escrita da história. Mesmo sem ter escrito uma história como os historiadores aprendem, em decorrência de sua escrita se configurar em comentários jornalísticos e análise política, sempre atrelados a um assunto histórico, sua influência é imponente (HOBSBAWM, 1998).

Logo, os valores agregados em suas obras não desapa-

\* Mestre em Ensino. Graduada em Pedagogia e História. Professora do Colegiado de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná - Campus Paranavaí e do Centro Universitário Unifatecie.

\*\*Pós Doutorado em História e Filosofia da Educação. Doutor em Educação. Graduado em História e Pedagogia. Professor adjunto da Universidade Estadual de Maringá.

\*\*\*Graduada em Pedagogia. Mestranda em Educação. Vínculo institucional: Universidade Estadual de Maringá.

<sup>1</sup> A esse respeito, Hobsbawm (1998, p. 169) esclarece que “[...] quer os historiadores marxistas tenham ido significativamente mais longe ou não que Marx, sua contribuição hoje tem uma importância nova, devido às mudanças que estão ocorrendo atualmente nas ciências sociais. Embora a função principal do materialismo histórico no primeiro meio século após a morte de Engels foi trazer a história para mais perto das ciências sociais, evitando ao mesmo tempo as simplificações exageradas do positivismo, ele está hoje enfrentando a rápida historicização das próprias ciências sociais. Por falta de ajuda da historiografia acadêmica, essas começaram cada vez mais a improvisar a sua própria – aplicando seus procedimentos característicos ao estudo do passado, muitas vezes com resultados tecnicamente sofisticados, mas, [...] baseados em modelos de mudança histórica ainda mais toscos, em certos aspectos, que os do século XIX. Nesse ponto, é grande o valor do materialismo histórico de Marx, embora seja natural que cientistas sociais de orientação histórica possam se achar menos necessitados de insistência de Marx sobre a importância dos elementos econômicos e sociais na história que os historiadores do início do século XX; e, por outro lado, possam se achar mais estimulados por aspectos da teoria de Marx que não produziram grande impacto em historiadores das primeiras gerações pós- Marx.”. Imbricado a essa afirmativa, Lin e Schlesener (2016, p.63) afirmam que “A Educação não foi um tema desenvolvido por Marx num texto específico, mas pode ser encontrada como pano de fundo de toda a sua obra, visto que a crítica à estrutura do capitalismo e a proposição de uma nova ordem social implicam a transformação tanto da sociedade quanto da subjetividade dos sujeitos que nela atuam.”

<sup>2</sup> Kassab, *O velho discurso que rege a história da educação*, p. 04.

<sup>3</sup> “Da obra de Marx destacam-se: Manuscrito econômico-filosófico (1844), Miséria da filosofia (1847), A ideologia alemã (1848), Manifesto comunista (1848), O dezoito brumário de Luís Bonaparte (1852), Esboços dos fundamentos da crítica da economia política (1857/58), Para a crítica da economia política (1859) e O capital (Livro I, publicado em 1867, Livro II e III publicados, respectivamente, em 1885 e 1867, com edição de Engels, a partir de esboços deixados por Marx).” (ANDERY; SÉRIO, *A prática, a história e a construção do conhecimento: Karl Marx (1818-1883)*. In: ANDERY, Maria Amália et al. *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*, p. 407),

<sup>4</sup> “Marx viveu numa época em que a Europa se debatia em conflitos, tanto no campo das ideias como no das instituições. [...] Dois momentos da história europeia foram vividos por Marx intensamente e tiveram importantes reflexos em sua obra: as revoltas antimônárquicas de 1848 – na Itália, na França, na Alemanha e na Áustria – a Comuna de Paris, que, durante pouco mais de três meses em 1871, levou os operários ao poder, influenciados pelas ideias do próprio Marx. A insurreição acabou reprimida, com um saldo de 20 mil mortes, 38 mil prisões e 7 mil deportações” (RAMALHO, BENCINI, *Karl Marx: o filósofo da revolução*. In: RAMALHO, Priscila; BENCINI, Roberta. *Grandes Pensadores*, p. 55).

<sup>5</sup> Lombardi, *História educacional brasileira e os fundamentos teórico-metodológicos da história*, p. 26.

<sup>6</sup> Netto, *Breve nota à interlocução entre pensadores da educação e Marx*, p. 67

<sup>7</sup> “As legitimações históricas estão por trás de grande parte dos conflitos políticos atuais, e não somente dos conflitos entre países, povos e etnias, mas daqueles que se produzem no próprio interior das sociedades de cada país (o racismo, por exemplo, tem muito mais a ver com a história do que com a biologia).” (FONTANA, *A história dos homens* p. 18).

<sup>8</sup> Marx; Engels, *A ideologia alemã*, p. 32.

receram com o tempo, sendo condizentes com os preceitos presente na sociedade capitalista, já que, as condições sociais são outras, em relação as vivenciadas por Karl Marx no século XIX, mas a essência das relações capitalistas continua a mesma. Consequentemente, sem dúvida suas obras, representam um marco na compreensão das relações estabelecidas entre os homens na sociedade. Portanto, a influência desse autor propagou para diversas áreas do conhecimento, como na história da educação.

Para situar a influência do pensamento de Karl Marx na história da educação, se faz necessário, apontar primeiramente as conjecturas do mesmo. Nesse cenário, ressaltamos que, vivenciando os acontecimentos em curso na sociedade, que Karl Marx<sup>4</sup> compreendeu e descreveu como se encontra organizada a sociedade capitalista, haja vista que, “O objetivo fundamental de toda a obra de Marx foi o de estudar histórica e criticamente a sociedade capitalista.”<sup>5</sup>. Dessa forma, identificou os problemas instaurados na sociedade de sua época, abrindo consequentemente, caminho para o estudo das contradições existentes nos contextos na sociedade capitalista do século XIX. Com isso, diante de seus escritos, Karl Marx, protagonizou a teoria do materialismo, inaugurando “[...] um modo determinado de ver a realidade.”<sup>6</sup>, de entender os interesses por trás das legitimações históricas<sup>7</sup> propagadas na sociedade, como verdades absolutas.

Nesse segmento, afirmamos que, a estruturação teórica do materialismo, enquanto método científico para o entendimento da realidade decorreu de uma junção de diversas influências teóricas, no qual Karl Marx, juntamente com Friedrich Engels exerceram suas críticas, como a de ordem filosófica, em específico aos filósofos: Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Ludwig Feuerbach.

Com Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Karl Marx teve contato com as noções de dialética. Contudo, Karl Marx reinterpretou tal noção, pois o filósofo partia de um viés idealista, do qual Ludwig Feuerbach, crítico de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, também se encaixava (idealista), por mais que apresentava uma projeção materialista, o mesmo considerava que, a alienação se expressava na religião, além de ignorar o trabalho como categoria. Contudo,

É certo que Feuerbach tem em relação aos materialistas ‘puros’ a grande vantagem de que ele compreende que o homem é também ‘objeto sensível’; mas, fora o fato de que ele apreende o homem apenas como ‘objeto sensível’ e não como ‘atividade sensível’ – pois se detém ainda no plano da teoria –, e não concebe os homens em sua conexão social dada, em suas condições de vida existentes, que fizeram deles o que eles são, ele não chega nunca até os homens ativos, realmente existentes, mas permanece na abstração ‘o homem’ e não vai além de reconhecer no plano sentimental o ‘homem real, individual, corporal’ a, isto é, não conhece quaisquer outras ‘relações humanas’ ‘do homem com o homem’ que não sejam as do amor e da amizade, e ainda assim idealizadas.<sup>8</sup>

O fato é que Karl Marx e Friedrich Engels embasados nos postulados desses filósofos construíram a sua teoria, sendo que,

Ao construir sua teoria – na luta constante para marcar uma clara delimitação em relação à presença monstruosa de um sistema de pensamento tão tentador como o hegeliano –, Marx e Engels concentraram o combate teórico inicial em uma diferenciação em relação aos pressupostos idealistas de Hegel. Na diferenciação com o ‘saber absoluto’, os dois filósofos revelam a natureza do seu materialismo, que remete para a produção e a reprodução das condições de existência dos homens. Dela decorrem as relações dos homens com a natureza e com suas formas de organização social, isto é, dos sujeitos com o que lhes aparece como a objetividade do mundo. Uma forma específica de apropriação da natureza determina as formas de organização social e a consciência.<sup>9</sup>

Dessas acepções, entendemos que, Karl Marx e Friedrich Engels afirmam que, a consciência humana se encontra atrelada a materialidade, que por sua vez, altera o pensamento humano. Assim, as transformações em curso na sociedade são decorrentes das ações humanas, em especial o trabalho, tendo em vista que, “A produção da vida, tanto da própria, no trabalho, quanto da alheia, na procriação, aparece desde já como uma relação dupla – de um lado, como relação natural, de outro como relação social”<sup>10</sup>, sendo que, o âmbito social se insere no sentido de colaboração entre os indivíduos, seja em condição, modo e a finalidades distintas.

Vale ressaltar que, o trabalho se configura em um processo que decorre da participação do homem e da natureza, no qual o homem utiliza um material da natureza, modifica-o, a fim de suprir as necessidades humanas, sejam elas físicas ou mentais da fantasia, ou seja, de qualquer natureza. Sendo que, pelo homem possuir a capacidade de projetar em sua mente o resultado de um processo de trabalho, antes de transformá-la em realidade, afirma-se que o trabalho é uma atividade exclusiva do homem, já que os animais não têm essa capacidade (MARX, 1989). Nesse patamar, compreendemos que, o processo de trabalho é uma condição natural da vida humana, atingindo todas as formas sociais. Todavia, dentro da lógica capitalista o processo de trabalho adquiriu um caráter de alienação, decorrente das relações de produção econômicas e políticas. Aqui, a alienação é entendida como “[...] resultante da divisão social do trabalho e corresponde à dissociação entre o trabalho, em seu sentido ontológico, e a sua exploração como de força de trabalho. O trabalho deixa de cumprir um papel ontocriativo e construtivo, propriamente.”<sup>11</sup>

Por intermédio da divisão do trabalho, ocorre “[...] ao mesmo tempo a contradição entre o interesse dos indivíduos [...] e o interesse coletivo de todos os indivíduos que se relacionam mutuamente; e, sem dúvida, esse interesse coletivo não existe meramente na representação, como ‘interesse geral’”<sup>12</sup>, mas sim, como conexão mútua dos indivíduos, em que o trabalho se encontra dividido. Dessa maneira, o trabalho humano se configura como “[...] gerador de valor e a ideia das contradições de classe como produto histórico”<sup>13</sup>

A partir do entendimento da existência de lutas de classes nas relações sociais, Karl Marx e Friedrich Engels propagaram que, os homens produzem sua subsistência conforme “[...] certos ‘modos de produção’ que são na realidade ‘modos de vida’ – ‘uma forma determinada de manifestar a vida’ –, o que explica que o que os indivíduos são dependa das condições materiais de produ-

<sup>9</sup> Sader, *Apresentação*. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*, p. 14.

<sup>10</sup> Marx; Engels, *A ideologia alemã*, p. 34.

<sup>11</sup> Paludo, *Materialismo histórico dialético: relações trabalho educação, movimentos sociais e desafios para a pesquisa*, p. 67.

<sup>12</sup> Marx; Engels, *A ideologia alemã*, p. 37.

<sup>13</sup> Paludo, *Materialismo histórico dialético: relações trabalho educação, movimentos sociais e desafios para a pesquisa*, p. 68.

ção e das relações que se estabelecem entre eles no processo.”<sup>14</sup>.

Dessa maneira, toda forma de consciência e ação humana são decorrentes de sua materialização nas relações sociais, já que, “Os homens fazem a própria história. Porém não a fazem arbitrariamente, nas condições escolhidas por eles, mas sob certas condições diretamente dadas e herdadas do passado.”<sup>15</sup>

Nesse patamar, ao explicar que, o homem ao longo dos anos, por interposição do trabalho, produz e reprodução a vida em sociedade, Karl Marx e Friedrich Engels revolucionaram o modo de entender o homem dentro da historicidade, “[...] abrindo ao conhecimento uma nova compreensão de mundo: o materialismo histórico dialético, a partir da dialética como filosofia e da história como ciência de cunho materialista, em oposição, tanto ao paradigma idealista, como ao positivista”<sup>16</sup>, que naquele momento histórico se constituía como discurso hegemônico entre as ciências humanas e sociais.

O fato é que, a concepção materialista possibilita a interpretação da ação humana ao longo da história, uma vez que,

[...] concepção materialista de Marx carrega em sua base uma concepção de natureza e da relação do homem com esta natureza. Para Marx, o homem é parte da natureza, mas não se confunde com ela. O homem é um ser natural porque foi criado pela própria natureza, porque está submetido a leis que são naturais (em oposição a sobrenaturais), porque depende da natureza, da sua transformação para sobreviver. Ao mesmo tempo o homem não se confunde com a natureza, o homem se diferencia da natureza já que usa da natureza transformando-a conscientemente segundo suas necessidades e, nesse processo, se faz homem. Assim, Marx, a um só tempo, identifica e distingue homem e natureza e, a um só tempo, naturaliza e humaniza o homem e a natureza. A simples compreensão da natureza não leva a compreensão do homem, mas, ao mesmo tempo, a compreensão do homem implica necessariamente a compreensão de sua relação com a natureza, já que é nesta relação que o homem constrói e transforma a si mesmo e à própria natureza.<sup>17</sup>

Portanto, por meio do materialismo é possível interpretar a realidade, proporcionando um entendimento de mundo e práxis<sup>18</sup>. Nesse direcionamento, partindo do princípio que a consciência e as representações do homem em sociedade se encontram articulada a uma atividade material, para Karl Marx, a compreensão da realidade e sua transformação, partem de uma compreensão histórica e dialética.

Cabe aqui ressaltar, que é dialético, pois para a construção de um conhecimento objetivo, é necessário partir da teoria – tese<sup>19</sup>, para a práxis – antítese<sup>20</sup>, e consequentemente para a – síntese<sup>21</sup>. Consequentemente,

Uma visão dialética do homem e de seu mundo histórico-social implica conceber os dois termos da contradição (indivíduo-sociedade) de modo a rejeitar tanto a concepção que unilateraliza a adaptação de indivíduo à realidade do status quo, como a que propõe a adaptação de como um

<sup>14</sup>Fontana, A história dos homens, p. 201-202.

<sup>15</sup>Fontana, A história dos homens, p. 206.

<sup>16</sup>Paludo, Materialismo histórico dialético: relações trabalho educação, movimentos sociais e desafios para a pesquisa, p. 69.

<sup>17</sup>Andery; SÉRIO, A prática, a história e a construção do conhecimento: Karl Marx (1818-1883). In: ANDERY, Maria Amália et al. Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica., p. 411.

<sup>18</sup> “O conceito de práxis de Marx pode ser entendido como prática articulada à teoria, prática desenvolvida com e através de abstrações do pensamento, como busca de compreensão mais consistente e consequente da atividade prática – é prática eivada de teoria.” (PIRES, 1997, p. 86).

<sup>19</sup> “[...] ponto de partida: observação da realidade e construção dos desequilíbrios procedentes da atividade social”, conforme Masip (2001, p. 279).

<sup>20</sup> “[...] ação contra as forças que pretendem dominar a sociedade” (MASIP, 2001, p. 279).

<sup>21</sup> “[...] transformação da sociedade num certo grau, início de uma nova tese revolucionária” (MASIP, 2001, p. 279).



dato estático. Mas, além disso, implica conceber a realidade social como efetivo espaço da luta de classes, no interior da qual se efetua a educação, rejeitando a impositividade da dominação, como o espontaneísmo das classes dominadas.<sup>22</sup>

Nesse sentido, o entendimento de fato, parte do contexto exposto, do agir sobre o revelado, e consequentemente, sua transformação. Assim, surge como um experimento de superação da dicotomia – separação sujeito e objeto (PIRES, 1997). Sendo que, a vertente histórica vem atrelada ao dialético, já que com as modificações nos contextos socioeconômicos, políticos e culturais na sociedade ao longo dos anos, o conhecimento produzido é modificado.

Diante de suas reflexões, Karl Marx contribuiu para entendimento da sociedade, por meio do materialismo, partindo dos princípios: histórico e dialético. Como resultado, apontamos que, a construção do conhecimento<sup>23</sup>, se encontra relacionando aos princípios estabelecidos na sociedade, e consequentemente aos acontecimentos em outros períodos históricos, partindo de uma compreensão da realidade e de sua utilidade. Logo, o entendimento de um grupo social “[...] só pode compreender uma evolução ao empenhar-se no processo de mudança. Por outras palavras, os homens, apesar de estarem inseridos em estruturas sociais, não são objetos passivos, mas sujeitos activos da sua própria história.”<sup>24</sup>

Portanto, o homem como ser social é um reflexo da produção da vida humana, no qual as relações estabelecidas entre os mesmos na sociedade em um determinado período, se modificam, o que justifica a necessidade de conhecer o contexto histórico do objeto de estudo, bem como, partir por uma vertente dialética, para a produção de novos saberes. Dessa perspectiva, a história é o resultado das relações sociais. Consequentemente, o materialismo possibilita compreender em sua essencialidade<sup>25</sup> a realidade, direcionando para um entendimento epistemológico das interpretações realizadas acerca da mesma, estabelecendo a verdade do aquém no entendimento de fato (MARX, 2013).

Portanto, “[...] é um método para, ao mesmo tempo, interpretar e mudar o mundo”<sup>26</sup>. Logo, o propósito não é ocultar as ações de subversão das classes sociais e nem somente, mostrar o contexto real, de forma crítica e reflexiva, mas proporcionar um momento de práxis social, ou seja, como assinala Cury (1986), uma ação social transformadora.

É importante frisar que, “[...] o método de Marx constituiu-se simultaneamente (num árduo processo de pesquisa, que implicou giros, inflexões, revisões, abandono e retomada de problemas e soluções) à constituição da sua teoria social.”<sup>27</sup>. Em vista disso, a abrangência do materialismo, não ficou restrito a compreensão da sociedade capitalista. Mas se fizeram presentes em vários seguimentos, como referentes a escrita da história educação, justamente por possibilitar entender as problemáticas existentes na realidade social e consequentemente no cenário educacional, indo além das aparências. Direcionamento esse (relação materialismo e história da educação), que apresentamos no próximo momento do estudo.

<sup>22</sup>Cury, Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo., p. 13).

<sup>23</sup> Nessa vertente, o “[...] conhecimento, no entanto, não existe, não é construído, a despeito da realidade, já que dela depende como ponto de partida e a ela retorna e deve, nesta medida, ser representativo do real. Entretanto, ao mesmo tempo, para Marx, o sujeito produtor de conhecimento não tem uma atitude contemplativa em relação ao real, o conhecimento não é um simples reflexo, no pensamento, de uma realidade dada; na construção do conhecimento o homem não é um mero receptáculo, mas um sujeito ativo, um produtor que, em sua relação com o mundo, com o seu objeto de estudo, reconstrói no seu pensamento este mundo; o conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem” (ANDERY; SÉRIO, *A prática, a história e a construção do conhecimento: Karl Marx (1818-1883)*. In: ANDERY, Maria Amália et al. *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*, p. 428-429).

<sup>24</sup>Bourdé; Martin, *As escolas históricas*, p.158.

<sup>25</sup> “[...] em direção à descoberta das múltiplas determinações ontológicas do real. Assim sendo, não pode nos bastar apenas o que é visível aos olhos, pois o conhecimento da realidade, em sua objetividade, requer a visibilidade da máxima inteligência dos homens.” (MARTINS, 2006, 10-11).

<sup>26</sup> Hobsbawm, *Prefácio*. In: HOBBSAWM, Eric et al. *História do marxismo*, p. 12.

<sup>27</sup> Netto, *Breve nota à interlocução entre pensadores da educação e Marx*. In: CÊA, Georgia Sobreira; RUMMERT, Sonia Maria; GONÇALVES, Leonardo Dorneles (Orgs.), p. 35.

## O materialismo histórico e a história da educação

Um dos postulados de Karl Marx aponta que o desenvolvimento do processo histórico não é caracterizado por uma finalidade estática. Afinal, “[...] os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.”<sup>28</sup>

O materialismo histórico e dialético permitiu aos teóricos a compreensão da história como uma realidade contraditória, em permanente transformação, que as contradições também formam uma unidade de contrários, que se avançam até a ruptura com sua forma antiga para uma nova. O próprio desenvolvimento das forças produtivas no âmbito do modo de produção capitalista criou possibilidades concretas de sua superação e de criação de uma sociedade marcada pelo atendimento das necessidades vitais de todos. Em outras palavras, dado o desenvolvimento material do momento, é possível a apropriação social da riqueza produzida, que o capitalismo não permite aos trabalhadores.

Como intelectual orgânico do proletariado, Karl Marx não se limitou a teorizar sobre um mundo idealizado sem opressores e oprimidos, mas compreendeu a necessidade de combater por meio da teoria e das ações as relações estabelecidas pelo capital que produziam a miséria da classe trabalhadora. Na *Crítica da filosofia do direito de Hegel: introdução*, Karl Marx argumentou que “[...] a arma da crítica não pode, é claro, substituir a crítica da arma, o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria também se torna força material quando se apodera das massas”<sup>29</sup>

Dessa forma, Karl Marx colocou-se contra as especulações e subjetivismos presentes em diferentes produções que se vinculavam a perspectiva burguesa para compreensão da realidade material. Isso significou a denúncia e o enfrentamento das proposições hegelianas para o estabelecimento do materialismo histórico e dialético. Nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* (2006), o autor combateu o positivismo comtiano e o idealismo hegeliano, que idealizavam o conhecimento a partir de categorias abstratas e sem vínculos com as condições concretas de produção da vida.

Nesse sentido, Karl Marx buscou compreender a historicidade do capitalismo por meio de análise do movimento real da história. A questão do método em Karl Marx aparece como uma ação que objetiva que possibilita ao indivíduo apropriar da dinâmica do objeto de estudo. Nessa relação, o sujeito que pesquisa está implicado no objeto, o que não representa identidade com ele. Cabe ao sujeito reproduzir o objeto, estabelecendo as suas múltiplas determinações constituintes<sup>30</sup>. Isto posto, tomamos o materialismo histórico e dialético como referência, nenhuma instituição, incluindo a educação, existe desvinculado das condições materiais que a forjaram. Não passa de especulação pensar que uma determinada instituição pode surgir, conservar-se ou transformar-se a partir de uma ideia miraculosa de um indivíduo ou desconectada de outros fenômenos sociais. Fora da conexão com uma quantidade de outras instituições e fenômenos sociais.

É importante termos clareza que as questões singulares de uma determinada instituição são parte consti-

<sup>28</sup> Marx, *Breve nota à interlocução entre pensadores da educação e Marx*. In: CÊA, Georgia Sobreira; RUMMERT, Sonia Maria; GONÇALVES, Leonardo Dorneles (Orgs.), p. 21.

<sup>29</sup> Marx, *Crítica da filosofia do direito de Hegel: introdução*. In: NETTO, José Paulo (Org.), p. 157.

<sup>30</sup> Bittar; Ferreira Júnior, *História, epistemologia marxista e pesquisa educacional brasileira*, p. 489-511.

tuintes de um determinado contexto histórico, refletindo a semelhança das características e aspectos que reflete questões universais, por meio de conexões mais amplas. Isso não significa uma relação de identidade linear, mas uma unidade marcada por contradições entre o universal e o singular.

De tal modo, o singular é a expressão da existência de objetos, fenômenos e instituições sociais, demarcados no tempo e no espaço com uma determinação material. Ora, esses princípios podem ser aplicados nos estudos das questões educacionais: políticas, histórias ou mesmo de instituições escolares, por exemplo. A singularidade de uma dada instituição manifesta os seus dados constituintes internos: forma de organização, objetivos políticos e pedagógicos, representações sociais etc. Porém, apesar das especificidades de uma política educacional, uma instituição ou a história de uma determinada instituição, cada objeto não é mais que a parte constituinte de um todo que compõe um sistema societário em constante transformação e marcado por contradições.

A educação como expressão de um movimento social, só pode ser compreendida em sua historicidade a partir de uma determinada formação econômico-social. Porém, a formação econômico-social não é tão somente uma somatória de indivíduos ou uma reunião mecânica de fenômenos independentes, mas é forjada com base em uma determinada forma de relações sociais que constituem o todo, isto é, uma totalidade histórica. O que se pode dizer a partir dos postulados do materialismo histórico é que a educação não pode ser desvinculada do processo de desenvolvimento da produção material da existência. Nesse sentido, a compreensão da educação não pode ser descolada das contradições que atravessam as relações de produção. A relação entre trabalho e educação expressa, em última instância, uma determinação histórica constituída pelos imperativos que os homens necessitam para a manutenção de suas atividades sociais.

Deste modo, os vínculos entre o sistema escolar e o mundo do trabalho, se insere no domínio mais amplo da produção econômica. Isso significa que as transformações que ocorrem no interior das fábricas, no campo ou mesmo no setor de serviços contribuem para mudanças no interior da escola. No entanto, isso não significa que todo o progresso científico e tecnológico seja socializado pela escola para todos os segmentos de classes. Não é ocioso lembrarmos que em uma sociedade dividida em classes existe a tendência a universalizar o pensamento segundo os interesses da classe dominante. Nesse sentido, não podemos esquecer que

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõem também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela são submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe

A partir da perspectiva marxiana e engelsiana, a classe que detém o poder econômico tende a controlar o poder político, jurídico e ser ideologicamente dominante, apresentando seus interesses como universais e transmitir a noção de que as ideias forjam a realidade. Daí a naturalização das relações sociais e das diferenças de classe como expressão da competência de uns e da incapacidade de outros.

A perspectiva marxiana da história considera que a dependência das instituições superestruturais, em relação à base estrutural que reproduz a existência material da sociedade, não deve ser compreendida de forma mecânica, como um processo que atua automaticamente. Assim, essa relação não é marcada pelo domínio absoluto dos interesses dominantes. As contradições se fazem presentes no interior das instituições educativas. Se não fosse verdadeira essa assertiva, não haveria a presença do pensamento contra hegemônico no interior das escolas. Nesse sentido, se a economia determina a constituição das instituições escolares em última instância, é sempre importante considerar o desenvolvimento da lógica interna do seu desenvolvimento, buscando compreender as formas pelas quais os sistemas educacionais foram forjados.

Tomando como referência esse princípio, nenhuma instituição existe por si mesma. Ela não pode surgir, conservar-se ou mudar fora da conexão com uma quantidade de outras instituições e fenômenos sociais. Por outro lado, as características singulares e as relações que as instituições travam no âmbito de um determinado contexto histórico exprimem-se por meio da categoria do universal, que reflete a semelhança das características e aspectos que uma instituição guarda com outras instituições, por meio das conexões entre elementos e partes de um sistema e também entre diferentes sistemas. Existe uma unidade e, ao mesmo tempo, uma luta dos contrários entre o universal e o singular: um não existe antes e fora do outro. Consequentemente, cada instituição historicamente construída se constitui numa unidade contraditória do universal e do singular, como, por exemplo, entre aquela que se manifesta no espaço delimitado pelo público e privado.

Portanto, a categoria do particular desempenha o papel de um elo (mediação) entre o singular e o geral. Em relação ao singular (instituição), o particular pode ser um elemento do geral (uma determinada lei infraconstitucional), mas, em relação a uma generalidade ainda maior (Estado), o particular pode se transformar em uma categoria singular. Em síntese: o particular é uma formação relativamente isolada, uma instituição (um fenômeno educacional), um processo ou, até mesmo, um acontecimento. Já o singular constitui-se por traços e propriedades individuais e únicos inerentes ao particular, como, por exemplo, a instituição escolar no contexto de um sistema nacional de educação e os traços específicos que a diferenciam das outras instituições.<sup>32</sup>

Ainda que Karl Marx e Friedrich Engels não tenham produzido uma obra de síntese histórica<sup>33</sup> ou um trabalho de aprofundamento das questões educacionais e pedagógicas, suas produções contribuíram decisivamente para a compreensão da educação como uma dimensão da produção da vida, que não pode ser dissociada da sociedade que a forjou.

[...] a concepção materialista da história é a base da explicação histórica, mas não a explicação histórica em si. a história não é como a ecologia: os seres humanos decidem e refletem sobre

<sup>31</sup> Marx; Engels, *A ideologia alemã*, p. 47.

<sup>32</sup> Bittar; Ferreira Júnior, *História, epistemologia marxista e pesquisa educacional brasileira*, p. 489-511.

<sup>33</sup> Esse encaminhamento decorre pelo fato de, “Em primeiro lugar, como sabemos, Marx encontrou grande dificuldade para concluir seus projetos literários. Em segundo, suas concepções continuaram a evoluir até sua morte, embora no âmbito de um referencial definido na metade da década de 1840. Em terceiro, e mais importante, em suas obras de maturidade Marx deliberadamente estudou a história na ordem inversa, tomando o capitalismo desenvolvido como seu ponto de partida.” (HOBBSBAWM, *Sobre história: ensaios*, p. 173).



o que acontece. Não estão tão claro se ela é determinista no sentido de nos permitir descobrir o que inevitavelmente acontecerá, enquanto distinto dos processos gerais de transformação histórica. Isso porque é somente numa visão retrospectiva que a questão da inevitabilidade histórica pode ser solidamente estabelecida, e mesmo então apenas como tautologia: o que aconteceu era inevitável porque não aconteceu outra coisa: portanto, o que mais poderia ter acontecido é uma questão acadêmica.<sup>34</sup>

O fato é que não podemos negar a importância de Karl Marx para a historiografia mesmo após sua morte, já que, o pensamento marxista se configura como “[...] uma concepção viva e suficiente, ainda na contemporaneidade, para análise crítica da sociedade capitalista e como um referencial revolucionário e transformador da ordem existente.”<sup>35</sup>. Apresentando-se como uma concepção ativa de análise do processo histórico e da realidade social. Combatendo conseqüentemente, a falácia de que o marxismo se configura como uma concepção esgotada e ultrapassada.

Dessa forma, compreendemos que, a importância de Karl Marx para a história, encontra-se centralizada em entender porque a sociedade muda e se transforma. Esse processo é marcado pela historicidade e estrutura social, haja vista que, as forças materiais de produção e as relações sociais de produção e reprodução não se divorciam e estão associadas ao desenvolvimento histórico e as contradições dos sistemas socioeconômicos.

Na realidade, o materialismo como compreensão é embaçamento da escrita da história, sendo que, “[...] enquanto ciência da história, tomará como objeto as estruturas econômico-sociais, invisíveis, abstratas, gerais, mas ‘chão’ concreto da luta de classes e das iniciativas individuais e coletivas”<sup>36</sup>, levando em consideração que o homem pode ser entendido a partir das relações desenvolvidas na organização social que pertence. Conseqüentemente, “O legado de Marx não consiste, pois, numa teoria social conclusa, acabada – e não porque tenha carecido de tempo para concluí-la, mas pela dinâmica histórico-real do próprio objeto”<sup>37</sup>, ou seja, na dinamização do processo real constituído historicamente.

A vitalidade do marxismo se expressa não apenas pela persistência dos problemas por ele formulados, mas também por sua capacidade de exercer a crítica tanto externamente, isto é, em relação sua à sociedade burguesa à qual se contrapõe, quanto internamente, quer dizer, em relação às diferentes apropriações de Marx e do marxismo efetuadas por aqueles que se definem como marxistas.<sup>38</sup>

Diante das considerações acima, entendemos que a produção marxista, em suas diferentes manifestações, apresenta uma significativa contribuição para a compreensão da história e, mais especificamente, da história da educação. Trata-se de um aparato teórico analítico fundamental diante de uma realidade material marcada pela exploração do capital sobre as forças de trabalho. Além disso, o marxismo continua como um rico referencial que alimenta as utopias em direção a uma sociedade que elimine a exploração do homem pelo homem.

<sup>34</sup>Hobsbawm, *Sobre história: ensaios*, p. 175.

<sup>35</sup>Lombardi, *História educacional brasileira e os fundamentos teórico-metodológicos da história*. In: LOMBARDI, José Claudinei (Org.). *Pesquisa em educação: história, filosofia e temas transversais*, p. 25.

<sup>36</sup>Reis, *A história entre a filosofia e ciência*, p. 43.

<sup>37</sup>Netto, *Breve nota à interlocução entre pensadores da educação e Marx*. In: CÊA, Georgia Sobreira; RUMMERT, Sonia Maria; GONÇALVES, Leonardo Dorneles (Orgs.). *Trabalho e educação: interlocuções marxistas*, p. 39.

<sup>38</sup>Saviani, *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*, p. 10.

## Considerações finais

Diante do exposto ao longo do estudo, que apresentou a atualidade do pensamento de Karl Marx na escrita da história da educação, evidenciamos que, Karl Marx foi um escritor que entendeu seu momento histórico, escrevendo obras que influenciaram e influenciam várias áreas do conhecimento, no qual destacamos o ramo das ciências humanas, em especial a educação. Por meio da compreensão das transformações sociais na sociedade no século XIX, elaborou reflexões sobre a vida social do homem, que influenciaram diretamente a escrita da história da educação.

É importante frisar que, vivenciando vários problemas sociais e almejando trilhar a compreensão desses problemas, diante de seus escritos, Karl Marx protagonizou um dos movimentos considerados mais importante para a compreensão da história, o materialismo histórico e dialético. Sua atualidade permanece, ainda que consideremos como um autor do século XIX. De forma rigorosa e sistemática, Marx desvelou a articulação os vínculos de um sistema de exploração e dominação dos trabalhadores e a apropriação da riqueza nas mãos de poucos. Demonstrou as formas de apropriação dos meios de produção pela burguesia e o rigor do Estado na sujeição dos trabalhadores às demandas do capital. Não podemos perder de vista que o modo de produção capitalista continua presente entre nós. A intensificação do trabalho, a precarização das condições de vida da classe trabalhadora, o monopólio do acesso ao conhecimento por parte de uma classe, entre outros fatores, são exemplos que sua teoria marxista não foi superada.

Nesse patamar, o entendimento da história da educação, se encontra relacionando aos princípios estabelecidos na sociedade, e conseqüentemente aos acontecimentos em outros períodos históricos, partindo de uma compreensão da realidade e de sua utilidade e intencionalidade. Assim, na busca pela verdade, temos que assumir um posicionamento teórico, que tem em vista desenvolver uma pesquisa condizente a suas implicações. Sendo que, partindo do viés apresentado no estudo, compactuamos da ideia que, a escrita da história da educação deve ser considerada como uma ferramenta de compreensão da essência da realidade, que por sua vez, não é neutra, mas ativa.

À guisa de conclusão é importante destacar que, este estudo não esgota todas as possibilidades de compreensão dos reflexos de Karl Marx na história da educação. Assim sendo, abrem-se outras possibilidades e oportunidades de novos estudos que contribuam para a compreensão da utilização do materialismo como referencial teórico na atualidade, o que requer debates mais aprofundados, tendo em vista, a atual propagação de outras visões historiográficas, que por sua vez, estão imbricadas de interesses.

## Referências

ANDERY, Maria Amália; SÉRIO, Tereza Maria de Azevedo Pires. A prática, a história e a construção do conhecimento: Karl Marx (1818-1883). In: ANDERY, Maria Amália et al. Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. São Paulo: EDUC, 1999. p. 402-430.

BITTAR, Marisa; FERREIRA JÚNIOR, Amarílio. História, epistemologia marxista e pesquisa educacional brasileira. Educ. Soc., Campinas, v. 30, n. 107, p. 489-511, maio/ago. 2009.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. As escolas históricas. Portugal: Publicações Europa-América, 1983.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986.

FONTANA, Josep. A história dos homens. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

HOBBSBAWN, Eric. Prefácio. In: HOBBSBAWN, Eric et al. História do marxismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 11-32.

HOBBSBAWN, Eric. Sobre história: ensaios. Tradução de Cid Knipel Moreira. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KASSAB, Álvaro. O velho discurso que rege a história da educação. Jornal da UNICAMP, Campinas, SP, p. 21-27, ago. 2006

LIN, Alessandra Dal; SCHLESENER, Anita Helena. Observações acerca do pensamento de Marx para a educação. In: SCHLESENER, Anita Helena; MASSON, Gisele; SUBTIL, Maria José Dozza (Orgs.). Marxismo(s) e educação. Ponta Grossa: UEPG, 2016. p. 63-92.

LOMBARDI, José Claudinei. História educacional brasileira e os fundamentos teórico-metodológicos da história. In: LOMBARDI, José Claudinei (Org.). Pesquisa em educação: história, filosofia e temas transversais. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. p. 07-32.

MARTINS, Lígia Márcia. As aparências enganam: divergências entre o materialismo histórico dialético e as abordagens qualitativas de pesquisa. In: Reunião Anual da ANPED, 29., 2006. Londrina/PR. Anais... Disponível em: [https://social.stoa.usp.br/articles/0016/4005/As\\_aparA\\_ncias\\_enganam\\_-\\_divergencias\\_entre\\_o\\_mhd\\_e\\_as\\_abordagens\\_qualitativas.pdf](https://social.stoa.usp.br/articles/0016/4005/As_aparA_ncias_enganam_-_divergencias_entre_o_mhd_e_as_abordagens_qualitativas.pdf). Acesso em: 03 ago. 2020.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.  
MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Boitempo, 1997.

MARX, Karl. Manuscritos econômicos e filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel: introdução. In: NETTO, José Paulo (Org.). Curso livre Marx Engels. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 45-64.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.

MASIP, Vicente. História da filosofia ocidental: vida, obras, pensamento e terminologia específica dos filósofos. São Paulo: EPU, 2001.

NETTO, José Paulo. Relendo a teoria marxista da história. In: SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (Orgs.). História e história da educação. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. p. 55-70.

NETTO, José Paulo. Breve nota à interlocução entre pensadores da educação e Marx. In: CÊA, Georgia Sobreira; RUMMERT, Sonia Maria; GONÇALVES, Leonardo Dorneles (Orgs.). Trabalho e educação: interlocuções marxistas. Rio Grande: FURG, 2019. p. 13-59.

PALUDO, Conceição. Materialismo histórico dialético: relações trabalho educação, movimentos sociais e desafios para a pesquisa. In: CÊA, Georgia Sobreira; RUMMERT, Sonia Maria; GONÇALVES, Leonardo Dorneles (Orgs.). Trabalho e educação: interlocuções marxistas. Rio Grande: FURG, 2019. p. 60-82.

PIRES, Marília Freitas de Campos. O materialismo histórico-dialético e a educação. Interface, v. 01, n. 01, p. 83-94, ago. 1997.

RAMALHO, Priscila; BENCINI, Roberta. Karl Marx: o filósofo da revolução. In: RAMALHO, Priscila; BENCINI, Roberta. Grandes Pensadores. Nova Escola: edição especial, São Paulo, n. 19, p. 53-54, jul. 2008.

REIS, José Carlos. A história entre a filosofia e ciência. Ática, 1996.

SADER, Emir. Apresentação. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 09-15.

SAVIANI, Demerval. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez, 1991.



## RESUMO

O estudo tem como temática a relação dos escritos de Karl Marx na história da educação. A escrita da educação é algo complexa, que requer a utilização de um embasamento teórico consistente. Além disso, existem diferentes posicionamentos sobre a escrita historiográfica, que por sua vez, representam os embates nas relações sociais, impregnada por um discurso reducionista, de cunho ideológico, no qual a educação é a resolução de todos os “problemas” de ordem socioeconômica, política e cultural. Partindo do viés que, os acontecimentos históricos e as relações desenvolvidas em sociedade não são lineares e estáticas, a escrita da história da educação passou e passa por oscilações ao longo dos anos. Encaminhamento esse que, requer um estudo mais aprofundado. Todavia o intuito desse estudo se limita a descrever a influência do pensamento de Karl Marx na escrita da história da educação, centrando-se no materialismo. Assim, salientamos que, preocupado com as constantes transformações vivenciadas no século XIX, Karl Marx realizou reflexões sobre a vida social do homem dentro de um contexto de transformações sociais. Proporcionando uma produção teórica que embasa a compreensão das relações estabelecidas em sociedade, bem como, da história da educação, por um viés de entendimento da realidade em sua essência. Marinheiro negro, inquisição, catolicismo, protestantismo.

## PALAVRAS-CHAVE

Karl Marx. Materialismo. História da educação.

## ABSTRACT

The study has its theme the relationship of Karl Marx writings in the history of education. The writing of educational is something complex, which requires the use of a consistent theoretical foundation. In addition, there are different positions on historiographical writing, which in turn represent the clashes in social relations, impregnated by a reductionist discourse, of an ideological nature, in which education is the resolution of all “problems” of a socioeconomic order, political and cultural. Based on the bias that historical events and relationships developed in society are not linear and static, the writing of the history of education has gone through and undergoes fluctuations over the years. This referral requires further study. However, the purpose of this study is limited to describing the influence of Karl Marx’s thought in the writing of the history of education, focusing on materialism. Thus, we emphasize that, concerned with the constant transformations experienced in the XIX century, Karl Marx reflected on man’s social life within a context of social transformations. Providing a theoretical production that supports the understanding of the relationships established in society, as well as the history of education, through a bias of understanding reality in its essence.

## KEYWORDS

Karl Marx. Materialism. History of education.

## RESUMEN

El estudio tiene como tema la relación de los escritos de Karl Marx en la historia de la educación. La redacción de la educación es algo complejo, que requiere el uso de una base teórica consistente. Además, existen diferentes posturas sobre la escritura historiográfica, que a su vez, representan los choques en las relaciones sociales, impregnadas de un discurso reduccionista, de carácter ideológico, en el que la educación es la resolución de todos los “problemas” de orden socioeco-

nómico, político. y cultural. Partiendo del sesgo de que los acontecimientos históricos y las relaciones que se desarrollan en la sociedad no son lineales y estáticos, la escritura de la historia de la educación ha pasado y pasa por fluctuaciones a lo largo de los años. Esta remisión requiere más estudio. Sin embargo, el propósito de este estudio se limita a describir la influencia del pensamiento de Karl Marx en la escritura de la historia de la educación, centrándose en el materialismo. Así, destacamos que, preocupado por las constantes transformaciones vividas en el siglo XIX, Karl Marx reflexionó sobre la vida social del hombre en un contexto de transformaciones sociales. Aportando una producción teórica que sustente la comprensión de las relaciones que se establecen en la sociedad, así como la historia de la educación, a través de un sesgo de comprensión de la realidad en su esencia.

**PALABRAS CLAVE** Karl Marx. Materialismo. Historia de la educación.

RECEBIDO: 20.09.2021  
ACEITO: 02.02.2022

---

**ADRIANA APARECIDA RODRIGUES**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4694-4723>  
Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6770567160476471>  
E-mail: [drikarodrigues66@hotmail.com](mailto:drikarodrigues66@hotmail.com)

**MARCO ANTÔNIO DE OLIVEIRA GOMES**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2397-5615>  
Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0581840246394811>  
E-mail: [marcooliveiragomes@yahoo.com.br](mailto:marcooliveiragomes@yahoo.com.br)

**SUZANE MENESES CAETANO**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4262-7867>  
Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2947904820147302>  
E-mail: [suzanemeneses28@gmail.com](mailto:suzanemeneses28@gmail.com)